

ESTRATÉGIA DA TRIANGULAÇÃO: UMA INCURSÃO CONCEITUAL

TRIANGULATION STRATEGY: A CONCEPTUAL INCURSION

ESTRATEGIA DE LA TRIANGULACIÓN: UNA INCURSIÓN CONCEPTUAL

HOLANDA, Gerda de Souza
gerda.holanda@gmail.com

UFC – Universidade Federal do Ceará
<https://orcid.org/0000-0001-5881-6238>

FARIAS, Isabel Maria Sabino de
isabelinhasabino@yahoo.com.br
UECE – Universidade Estadual do Ceará
<https://orcid.org/0000-0003-1799-0963>

RESUMO Este é um estudo sobre a estratégia da triangulação, que se propõe a discutir informações sobre o tema, destacando-se sua relevância por propiciar uma qualidade formal ao processo de construção do conhecimento na área da pesquisa. Enquanto procedimento metodológico utilizou-se a pesquisa bibliográfica, tendo por base principal livros e artigos científicos. Em diálogo com os autores, constatou-se que a triangulação se destaca por permitir o uso de técnicas de recolha de dados diferentes, mobilizar teorias e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, bem como coletar informações de fontes diferentes, em espaços e tempos diversos.

Palavras-chave: Estratégia da Triangulação. Pesquisa empírica. Confiabilidade e validade.

ABSTRACT This is a study on the triangulation strategy, which proposes to discuss information on the subject, highlighting its relevance for providing a formal quality to the process of knowledge construction in the research area. As methodological procedure bibliographical research was used, based mainly on books and scientific articles. In a dialogue with the authors, it was found that triangulation is notable for allowing the use of different data collection techniques, mobilizing theories and researchers from different areas of knowledge, as well as collecting information from different sources, in different spaces and times.

Keywords: Strategy of Triangulation. Empirical research. Reliability and validity.

RESUMEN Este es un estudio sobre la estrategia de la triangulación, que se propone discutir informaciones sobre el tema, destacándose su relevancia por propiciar una calidad formal al proceso de construcción del conocimiento en el área de la investigación. En cuanto procedimiento metodológico se utilizó la investigación bibliográfica, teniendo como base principal libros y artículos científicos. En diálogo con los autores, se constató que la triangulación se destaca por permitir el uso de técnicas

de recogida de datos diferentes, movilizar teorías e investigadores de diferentes áreas del conocimiento, así como recoger informaciones de diferentes fuentes, en espacios y tiempos diversos.

Palabras clave: Estrategia de la Triangulación. Investigación empírica. Confiabilidad y validez.

1 INTRODUÇÃO

As Ciências Sociais, assim como outras áreas do conhecimento, são constantemente foco de debate entre objetividade e subjetividade e, por conseguinte, assoladas pela exigência de confiabilidade, validade e generalização. Dessas exigências, é emblemático o interesse despertado no sentido de resolver tais dilemas.

Como alternativa à resolução de tais dilemas, os pesquisadores têm recorrido à triangulação, estratégia de investigação multifacetada, princípio valorizado por vários especialistas, dadas as fragilidades percebidas em pesquisas que empregam um único tipo de fonte. Consequentemente, há uma convergência de opiniões sobre a constante necessidade de estudos que aprofundem o tema e forneçam informações para explicar com clareza como os dados de uma pesquisa são mais eficientemente coletados, analisados e interpretados.

Com o desejo de colaborar com tal demanda, este trabalho tem o objetivo de apresentar as questões mais importantes sobre o tema, de forma sistematizada e organizada, visando contribuir para a produção de novos estudos, como também colaborar com a aplicação da técnica.

Para atender ao objetivo proposto, este trabalho está organizado em cinco seções. A primeira, *A Validade em Pesquisas Científicas*, busca elucidar algumas possibilidades de aferir-lhes validade, com ênfase nas pesquisas qualitativas. A segunda, *Importância e Conceito da Estratégia de Triangulação*, apresenta um breve resgate sobre a origem do termo, seguido de como o conceito foi introduzido nas Ciências Sociais e da sua importância para as pesquisas empíricas.

A seguir apresentam-se os *Tipos de Triangulação*, tendo por base a tipologia inicial proposta por Denzin (1978) e as contribuições que foram acrescentadas ao longo dos anos por Janesick (1994) e Guion (2002). Na quarta seção, *A Triangulação em*



Questão, busca-se refletir sobre as limitações da estratégia e sua aplicabilidade em outras áreas do conhecimento, colocando-a em questão.

A quinta seção, *Triangulação – Fonte Credível de Validação*, destaca os pressupostos que fazem da estratégia da triangulação uma fonte que possibilita maior credibilidade à pesquisa.

Por fim, são apresentadas as conclusões do trabalho, seguidas das referências bibliográficas.

2 A VALIDADE EM PESQUISAS CIENTÍFICAS

O sinônimo de validade é apresentado nos dicionários como sendo qualidade ou condição do que é válido e o termo 'válido' é definido como algo que tem validade, valioso; algo que tem valor legal, que é conforme ao direito; algo cheio de energia e vigor; ou que tem saúde (MICHAELIS, 2016). Esse conceito torna-se mais complexo quando tratamos da validade em pesquisa científica. Nesse caso, validade significa estar livre de qualquer erro, preceito oriundo dos métodos quantitativos. A validade, nessa concepção, seria referente ao grau em que uma medida representa exatamente o que se espera (HAIR *et al.*, 2009).

Em se tratando de pesquisa quantitativa, a validade diz respeito à possibilidade de outro pesquisador desenvolvê-la e chegar ao mesmo resultado. Nessa concepção, a ciência é vista com objetividade e tem caráter explicativo (MARTINS, 2004). Pode-se, pois, inferir que, independente da concepção adotada, a validade diz respeito à verificação dos resultados como verdadeiros e confiáveis; ou seja, a pesquisa é válida se as evidências propiciam o apoio necessário às suas conclusões (GUION, 2002).

Também tratando sobre a validade em pesquisa, Vieira (1999) destaca que, seja qual for o paradigma em que estejamos situados, a necessidade de demonstrar a credibilidade das conclusões a que se chega e a adequabilidade dos processos metodológicos utilizados sempre estarão presentes.

Há dois tipos de validade, a externa e a interna. A validade interna diz respeito à validade do processo, do método; enquanto a validade externa diz respeito à validade dos resultados.



No paradigma hipotético-dedutivo, a verdade é expressa pela validade interna, procurando saber se “a conclusão é sustentada por aquilo que foi feito na investigação e pelos resultados obtidos; isto inclui a operacionalização das variáveis, o plano ou *design* da investigação, o controle das variáveis parasitas, a precisão e validade dos instrumentos, a utilização correta das técnicas de análise dos dados, etc.” (BOAVIDA; AMADO, 2008, p. 102).

Já no paradigma fenomenológico-interpretativo, a verdade encontra-se, de acordo com Amado, na

credibilidade do processo e das conclusões, dada a natureza dos instrumentos, a forte dependência de todo o processo relativamente à essência da interação estabelecida entre observador e observado e, ainda, dada a natureza dos objetivos deste tipo de investigação (AMADO, 2014, p. 367).

Para assegurar a validade em pesquisas qualitativas, destacam-se os seguintes critérios: triangulação, construção do *corpus* de pesquisa, descrição rica e detalhada, surpresa (refere-se à descoberta de indícios que levem a novas formas de pensamento, como também à mudança de ideias cristalizadas sobre um fenômeno) e *feedback* dos informantes.

Abordaremos mais detalhadamente, a seguir, sobre a triangulação, haja vista sua importância como estratégia de validade em pesquisas científicas.

3 IMPORTÂNCIA E CONCEITO DA ESTRATÉGIA DE TRIANGULAÇÃO

Nas pesquisas científicas sempre foi emblemática a preocupação com o rigor metodológico e com a validade dos resultados, o que leva alguns pesquisadores a optarem pela pesquisa quantitativa, por acreditarem que apresenta menor risco de se perder o caráter de cientificidade do trabalho (DOWNEY; IRELAND, 1979). Tal pressuposto, entretanto, não diminui o valor da pesquisa qualitativa, que ocupa um lugar de reconhecida importância no estudo dos fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Neste contexto, a técnica de triangulação, que remonta à década de 1950, quando Campbell e Fiske (1959) desenvolveram a ideia de operacionalidade múltipla, apresenta-se como um dos caminhos escolhidos pelos pesquisadores para garantir

maior cientificidade às suas pesquisas qualitativas, como forma de afiançar os princípios de confiabilidade, validade e generalização.

A triangulação é uma técnica utilizada em diversas áreas do conhecimento: Ciências Sociais, Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Administração, mas não há um pensamento convergente sobre tal perspectiva metodológica, nem tampouco uma uniformidade de opiniões sobre seus pressupostos. Há aqueles que a criticam e aqueles que a defendem. Dentre os que a defendem, destacam-se aqueles que, para além da defesa, buscam validá-la (CAMPBELL; FISKE, 1959; GOLAFSHANI, 2003; SHENTON, 2004), reforçando a ideia de que pesquisas que empregam a triangulação têm menos possibilidade de apresentar fragilidades.

Segundo Duarte (2009), a origem do termo triangulação está ligada às Ciências Militares, mais especificamente da navegação e da topografia, que a utilizam para definir posições, usando três pontos referenciais para obter mais precisão, cujos ângulos entre os pontos formam a figura de um triângulo. Quando se traz a triangulação para os procedimentos de pesquisa, o desafio do pesquisador não está centrado na localização, mas em conferir significado ao seu estudo empírico.

Nas Ciências Sociais, o conceito foi introduzido por Campbell e Fiske (1959) que, segundo Duarte (2009, p.10), propuseram-se “a completar ou testar empiricamente os resultados obtidos utilizando diferentes técnicas quantitativas”. Depois, foi desenvolvido por outros autores; dentre eles, Maxwell (1996), ao pontuar que a triangulação minimiza o risco no que concerne à possibilidade das conclusões serem limitadas quando expressas sob a ótica de um único método, ou seja, reforça a ideia de que a triangulação, seja ela metodológica, das teorias, dos investigadores ou dos dados, permite obter conclusões com maior rigor. Günther (2006) destaca que a triangulação permite a utilização de diferentes fontes de evidência nas abordagens do objeto empírico, com vistas a prevenir possíveis distorções tanto em relação à aplicação de um único método de produção de dados, quanto de uma única teoria ou de um único pesquisador.

Com base nas contribuições desses autores, percebe-se que trabalhar com a triangulação abrange estudar um problema sobre diversos ângulos. Depreende-se que seu objetivo, para além de abordar um problema sobre múltiplas perspectivas, envolve ampliar a visão do pesquisador em relação a novas formas de percebê-lo, de



corrigir os desvios, de integrar diferentes abordagens no decorrer da pesquisa e de aprimorar os resultados.

Vergara (2006) destaca que a triangulação pode ser vista a partir de duas óticas: como estratégia que contribui para a validade de uma pesquisa; e como uma alternativa para a obtenção e ampliação do conhecimento por meio de vários ângulos ou perspectivas.

Stake (2011) trata a triangulação como um meio para que o pesquisador compreenda os dados obtidos a partir da análise do problema. Segundo o autor, trata-se de um procedimento que faz uso de dados adicionais para validar ou ampliar as leituras e interpretações feitas pelo pesquisador.

Por fim, Flick (2013) define a técnica da triangulação simplesmente como estudar um problema de pesquisa baseado em perspectivas privilegiadas, o que significa apropriar-se de diferentes visões acerca do problema de pesquisa que se busca desvelar, com vistas a produzir um conhecimento adicional ao que se teria se a questão fosse analisada sob uma única perspectiva.

Para uma visão mais sistematizada do conceito, Zappellini e Feuerschütte (2015) apresentaram o Quadro 1, com o intuito de mostrar as concepções de triangulação ao longo do tempo; aqui destacado com o intuito de complementar as definições anteriormente destacadas.

Quadro 1 – Sistematização das concepções de triangulação

Autor(es)	Conceito
Denzin (1978) Denzin e Lincoln (2005)	Combinação de metodologias diferentes para analisar o mesmo fenômeno, de modo a consolidar a construção de teorias.
Patton (2002)	Combinação de diferentes fontes e métodos de coleta de dados.
Davidson (2005)	Combinação de diferentes fontes e métodos de coleta de dados, em que a análise desses dados é feita em conjunto, e não considerando dados individuais.
Flick (2009a; 2009b; 2013)	Combinação de diferentes métodos, grupos de estudo, ambientes, períodos de tempo e perspectivas teóricas para lidar com um fenômeno. Estudo de um tema e um problema de pesquisa com base em duas perspectivas privilegiadas, assumindo diferentes visões a respeito da questão de pesquisa e combinando diferentes tipos de dados sob a mesma abordagem teórica para a produção de mais conhecimento do que seria possível com base em uma só perspectiva.
Stake (2005; 2011)	Método que utiliza dados adicionais para validar ou ampliar as interpretações feitas pelo pesquisador, adotando diferentes percepções para esclarecer o significado por meio da repetição das observações ou interpretações.

Fonte: Zappellini e Feuerschütte (2015, p. 246).

De posse dessas múltiplas definições, é possível sintetizar o conceito de triangulação como uma estratégia que combina diferentes evidências com o propósito de fortalecer as conclusões sobre o fenômeno investigado.

Sob essa ótica, uma questão se faz emblemática: numa pesquisa, o que se pode combinar e não é triangulação?

Flick (2009a), ao tratar da questão, destaca que combinar um método para coletar dados e outro para analisá-los não é triangulação, como também não é triangulação a realização de um estudo qualitativo exploratório, anterior à pesquisa.

De posse desses conceitos apresentam-se, na sequência, os tipos de triangulação.

4 TIPOS DE TRIANGULAÇÃO

Os tipos de triangulação foram identificados por Denzin (1978), que distingue quatro categorias fundamentais, quais sejam: *triangulação dos dados*, *triangulação dos investigadores*, *triangulação das teorias* e *triangulação metodológica*. Duas

décadas mais tarde, Janesick (1994), propõe a triangulação disciplinar e, finalmente, Guion (2002) acrescenta a triangulação ambiental.

A *triangulação dos dados* diz respeito à recolha de informações, num mesmo estudo, em tempos e espaços diferentes e em fontes distintas. As diferentes dimensões de tempo permitem explorar as mudanças temporais que ocorrem num determinado problema, assim como as diferentes dimensões espaciais possibilitam uma análise comparativa do problema em locais diferentes. O mesmo ocorre com as fontes distintas, que proporcionam ao investigador analisar o problema a partir de diferentes olhares. Este tipo de triangulação é o mais conhecido e o mais fácil de ser implementado.

A *triangulação dos investigadores* remete à estruturação da equipe de trabalho que admite, na sua composição, a participação de pesquisadores e colaboradores, com o objetivo de estudar o mesmo problema de pesquisa. O princípio dessa triangulação é enriquecer a pesquisa por meio das diferentes reflexões e análises que emergirão dos diferentes olhares dos investigadores envolvidos. Uma pesquisa com diversos investigadores permite, ainda, que diferentes pontos de vista sejam discutidos coletivamente, o que tende a minimizar um direcionamento equivocado.

Além da triangulação dos dados e dos investigadores, é possível se trabalhar com a *triangulação das teorias*. Esta, por sua vez, pressupõe a análise do objeto empírico a partir de múltiplas teorias, com o objetivo de avaliar a utilidade e relevância dos dados coletados sob diferentes óticas. Para Guion (2002), a triangulação das teorias visa usar pesquisadores com diferentes bagagens teóricas e áreas do conhecimento, para analisar o mesmo problema.

O quarto tipo, identificado por Denzin, trata da *triangulação metodológica*, ou seja, da utilização de uma multiplicidade de métodos para estudar um problema específico, com vistas a obter as informações mais completas e detalhadas sobre o objeto empírico. Essa triangulação admite duas abordagens diferentes: a triangulação dentro do método, donde se utilizam diferentes técnicas dentro de um mesmo método para coletar e interpretar os dados; e, a triangulação entre métodos, que combina diferentes métodos com vistas a superar as limitações de cada um, quando tratado em separado. Gray (2012) alerta que, neste tipo de triangulação, o uso de vários métodos exige que sejam congruentes com as perguntas de pesquisa. José Luís

Neves (1996) chama de triangulação somente este tipo, qual seja, a combinação de métodos quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa.

Denzin (1978) descreve esses quatro tipos de triangulação de forma condensada, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Tipos de Triangulação

Tipo	Descrição
Dados	Uso de diferentes fontes de dados. Possui três subtipos: (a) tempo; (b) espaço; (c) pessoa.
Investigador	Emprego de vários observadores ou entrevistadores do mesmo objeto
Teoria	Uso de múltiplas perspectivas teóricas e hipóteses em relação aos mesmos objetos.
Metodológica	Uso de vários métodos podendo ser: (a) dentro do método e (b) entre métodos.

Fonte: Denzin (1978, p. 295)

Para além dessas possibilidades, Janesick (1994) acrescenta a *triangulação interdisciplinar*, que propõe a utilização de princípios, métodos, etc. de outras áreas do saber, pois considera que o processo de investigação não se dá unicamente no domínio de uma disciplina.

O último e mais recente tipo de triangulação é apresentado por Guion (2002), a *triangulação ambiental*, que tem em vista o emprego de técnicas de coleta de dados sob diferentes circunstâncias ambientais, quais sejam: hora do dia, dia da semana, dia do mês, estação do ano, condições climáticas, entre outros. Numa pesquisa em que o fator ambiental é relevante e pode influenciar a informação, a recolha de dados em espaços e tempos diferentes, que conduz à mesma conclusão, é um elemento importante para estabelecer a validade da pesquisa.

5 A TRIANGULAÇÃO EM QUESTÃO

A triangulação, por mais criteriosa que seja, apresenta fragilidades que precisam ser consideradas. Inicialmente, chama-se atenção para que a triangulação não seja uma forma de legitimar preferências do pesquisador; por essa razão e para não permitir problemas de credibilidade nos resultados da pesquisa, suas escolhas devem ser detalhadamente explicitadas.

Para Fielding e Schreier (2001), uma questão emblemática envolvendo a triangulação é o princípio de que a utilização de múltiplas fontes de informação é o caminho para ultrapassar os erros. Isso procede se não houver erros nos percursos, pois, nesse caso, os erros não serão suplantados e sim duplicados.

Barbour (2009) também faz uma ressalva às contribuições da triangulação, por esta não oferecer alternativa quando os dados se contradizem.

Gray (2012) é categórico sobre o fato da triangulação não permitir uma conclusão incontestável; para ele, a triangulação reduz as chances de erro, mas não o elimina. Sinaliza, ainda, que a confiabilidade de uma pesquisa será seriamente comprometida se a coleta de dados for realizada usando-se um método inadequado ou desenvolvida por um pesquisador mal capacitado.

Goldenberg *et al.* (2003), no livro *O Clássico e o Novo: Tendências, Objetos e Abordagens em Ciências Sociais e Saúde*, apresentam uma abordagem geral sobre os problemas que envolvem as pesquisas em Ciências Sociais, dedicando dois capítulos sobre a questão da triangulação em pesquisas relacionadas à saúde pública.

De acordo com os autores do capítulo *Difíceis e Possíveis Relações entre Métodos Quantitativos e Qualitativos nos Estudos de Problemas de Saúde*, Minayo e Minayo-Gómez (2003), a triangulação está diretamente relacionada à combinação de métodos e não à abordagem interdisciplinar, pois esta pressupõe a ocorrência, sobre um mesmo objeto de pesquisa, de múltiplos olhares disciplinares. Já no capítulo *Quatro Modelos de Integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Investigação nas Ciências Sociais*, Briceño-León (2003) relata uma pesquisa em que métodos qualitativos e quantitativos foram combinados para permitirem o pleno alcance dos objetivos estabelecidos pelo estudo e os ganhos advindos dessa opção metodológica, que envolveu a utilização de dados matemáticos, entrevistas e histórias de vida.

Em outros campos das Ciências Sociais se tem registro da utilização da triangulação como metodologia de pesquisa. Na Administração, estudos recentes sinalizam que a triangulação metodológica tem sido a tipologia mais utilizada em pesquisas na área, embora as outras formas também apareçam (CÁRDENAS *et al.*, 2018). Essa opção é recorrente, pois os requisitos confiabilidade, validade e credibilidade têm grande repercussão na busca por um perfil de qualidade que traga

contribuições significativas para o desenvolvimento do campo. Nessa ótica, a triangulação é considerada como alternativa direcionada para o rigor metodológico e para o aumento da qualidade de pesquisas qualitativas, bem como para contribuir com a criação de métodos inventivos, possibilitando um equilíbrio entre novas formas de apreender um problema e os métodos tradicionais de coleta de dados (ABDALLA *et al.*, 2018).

Há também registros de pesquisas que adotam a triangulação como estratégia para atingir seus objetivos no campo da Psicologia (RONCAGLIO, 2004; DE PAULA; PEREIRA, 2016) e da Comunicação (FÍGARO *et al.*, 2013; FÍGARO, 2014).

Conclui-se, pois, que a triangulação abrange um vasto campo de atuação e que, apesar das questões controversas, tem se mostrado eficiente por permitir a coleta de informações em fontes, espaços e tempos diferentes, bem como possibilitar o envolvimento de pesquisadores oriundos de áreas de conhecimento distintas. Também se constata um cuidado dos pesquisadores quanto à obtenção de dados passíveis de permitirem uma análise consistente sobre os problemas em estudo. Além disso, é possível inferir que a abordagem da triangulação exige envolvimento criativo do pesquisador, assim como destreza na coleta de dados e perspicácia na leitura e interpretação desses dados.

6 TRIANGULAÇÃO – FONTE CREDÍVEL DE VALIDAÇÃO

A triangulação, na ótica de Denzin e Lincoln (2006), é o caminho que garante a validação da pesquisa e a alternativa para se executar uma pesquisa a partir de múltiplas práticas pedagógicas, perspectivas e observadores, garantindo ao trabalho rigor, riqueza e complexidade.

Souza e Zioni (2003) destacam a emergência da triangulação a partir da necessidade ética de garantir a validade dos processos. Afirmam, ainda, que essa garantia não se dá a partir da consciência ingênua de que tal estratégia é a solução de todos os problemas. O mérito diz respeito à contribuição para que os resultados obtidos possam ser averiguados de forma multifacetada.

Outro fator de credibilidade da triangulação diz respeito à combinação de métodos, pois, como afirmam Minayo e Minayo-Goméz (2003, p.136), “nenhum

método pode se arrogar a pretensão de responder sozinho às questões que a realidade social coloca”. Assim sendo, a triangulação metodológica pode “iluminar a realidade a partir de vários ângulos, o que permite confluências, discordâncias, perguntas, dúvidas, falseamentos, numa discussão interativa e intersubjetiva na construção e análise dos dados” (MINAYO; MINAYO-GOMÉZ, 2003, p. 136).

Golafshani (2003) alerta que a utilização da triangulação como instrumento de validação em pesquisas quantitativas e qualitativas deve levar em conta os aspectos que diferenciam os universos positivistas e interpretativistas. Para a autora, enquanto na pesquisa quantitativa a exceção pode levar a não confirmação da hipótese, na pesquisa qualitativa acontece o oposto, a exceção pode levar à modificação da hipótese.

Denzin e Lincoln (2006) realçam as vantagens da abordagem da triangulação ao afirmarem que

a triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas age no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorarem visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20).

Dadas as vantagens destacadas pelos autores cumpre-se, ainda, anotar que a possibilidade de combinação de métodos quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa se apresenta como um dos muitos pontos de tensão no debate sobre paradigmas de pesquisa. Os americanos supracitados, por exemplo, situam-se entre aqueles que questionam essa possibilidade.

Flick (2013), por sua vez, ao discutir o tema sugere a aplicação da triangulação para além do debate paradigmático, assumindo-o numa perspectiva de resultados, apresentando três alternativas de triangulação: convergência, complementação ou divergência.

Diz-se que há convergência de resultados quando estes, oriundos das pesquisas qualitativa e quantitativa confirmam uns aos outros de forma parcial ou total. A complementação, por sua vez, se dá quando os resultados de diferentes aspectos da questão de pesquisa se complementam, permitindo uma visão mais ampla do contexto investigado. Por fim, têm-se a divergência, que ocorre quando os dados



coletados com um método podem ser distintos dos dados coletados com o outro, reclamando um novo estudo que clarifique a divergência, seja ela teórica ou empírica.

As contribuições de Flick (2013) não se esgotam por aqui. Ele traça, ainda, diversos questionamentos sobre a triangulação dos resultados das pesquisas quali-quantitativas. Suas reflexões sinalizam para a importância de se considerar a base teórica dos métodos, o uso das divergências, a independência dos resultados e a subordinação de um método a outro.

Do exposto conclui-se que a triangulação possibilita um excedente de informação, que favorece a produção de conhecimento em diferentes níveis, permitindo ao investigador uma visão heurística do problema e uma pesquisa mais credível.

7 CONCLUSÃO

As pesquisas empíricas desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento se encontram em um contínuo processo de apropriação de estratégias metodológicas que possam atender à complexidade dos seus objetivos.

A estratégia da triangulação se afigura, nesse contexto, como uma estratégia metodológica que contempla instrumentos de recolha de dados tanto para a pesquisa quantitativa quanto para a pesquisa qualitativa, embora seja muito mais utilizada por pesquisadores interpretativistas, pelo caráter de confiabilidade, validade e generalização que são exigidos e que se apresentam como mais difíceis de serem confirmados nessa modalidade de pesquisa.

Nesta busca por credibilidade, um dos aspectos relevantes da triangulação advém do fato de poder fazer uso de técnicas de recolha de dados diferentes, bem como *mobilizar instrumentos quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa*. Sua importância resulta, ainda, na possibilidade de mobilizar teorias e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e de coletar informações de diferentes fontes, em espaços e tempos diversos.

É certo que a estratégia da triangulação não se propõe resolver todos os problemas que envolvem o caráter credível das pesquisas, mas contribui sobremaneira para que eles sejam alcançados, seja pelo cuidado dos pesquisadores

em analisar com minúcia os dados coletados, com vistas a construírem análises mais sólidas e confiáveis; seja pela possibilidade de propiciar-lhes maior amadurecimento; seja pelo desejo de compartilhar com a sociedade resultados verdadeiros e confiáveis que favoreçam a superação, com mais eficiência e leveza, de situações-problema do cotidiano.

Há, no entanto, muitos desafios no seu uso, e por mais compromisso e envolvimento que tenha o pesquisador, é impossível garantir que os resultados serão sempre bons, no que concerne à credibilidade da pesquisa. O que não significa dizer que a pesquisa não foi válida, pois a triangulação diz respeito muito mais ao processo de produção do conhecimento do que ao seu produto final.

Como arremate, reafirma-se que a técnica serve ao pesquisador para ajudá-lo a alcançar os objetivos propostos e que, nesse processo, não há caminhos certos ou errados. Há caminhos que são mais ou menos adequados ao que se quer investigar e que, quanto mais diligente for o protagonismo do pesquisador, maior será a possibilidade de se oferecer uma contribuição significativa ao avanço da ciência.

GERDA DE SOUZA HOLANDA

Professora da Secretaria da Educação Básica do Ceará. Diretora do Memorial da Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui Doutorado (em andamento) pela Universidade de Coimbra; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Especialização em Acessibilidade Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Licenciatura em Pedagogia pela UECE.

ISABEL MARIA SABINO DE FARIAS

Professora associada do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UECE. Possui Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade de Brasília (UNB); Doutorado e Mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Licenciatura em Pedagogia pela UECE.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, M. M. et al. Quality in qualitative organizational research: types of triangulation as a methodological alternative. *Administração: Ensino e Pesquisa*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 66-98, jan./abr. 2018.

AMADO, J. (org.). *Manual de investigação qualitativa em educação*. 5. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, 427 p.

BARBOUR, R. *Grupos focais*. Porto Alegre: Bookman, 2009, 216 p.

BOAVIDA, J.; AMADO, J. *Ciências da educação: epistemologia, identidade e perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, 384 p.

BRICEÑO-LEON, R. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação em Ciências Sociais. In: GOLDENBERG, P. et al. (orgs.). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 157-183.

CAMPBELL, D.T.; FISKE, D. W. Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, Illinois, v. 56, n. 2, p. 81-105, mar. 1959. Disponível em:
[https://marces.org/EDMS623/Campbell%20DT%20&%20Fiske%20DW%20\(1959\)%20Convergent%20and%20discriminant%20validation%20by%20the%20multitrait-multimethod%20matrix.pdf](https://marces.org/EDMS623/Campbell%20DT%20&%20Fiske%20DW%20(1959)%20Convergent%20and%20discriminant%20validation%20by%20the%20multitrait-multimethod%20matrix.pdf). Acesso em: 03 ago. 2016.

CÁRDENAS, A. R. et al. O uso da triangulação em teses e dissertações de programas de pós-graduação em Administração no Brasil. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v.19, n.2, p. 243-276, mai./ago. 2018.

DAVIDSON, E. J. *Evaluation methodology basics*. Thousand Oaks: Sage, 2005, 280 p.

DENZIN, N. K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. 2. ed. New York: Mc Graw-Hill, 1978, 368 p.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. (eds.). *The Sage Handbook of qualitative research*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005, p. 1-32.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2006, 432 p.

DE PAULA, E. L. P.; PEREIRA, H. O. S. Educação e Psicologia nas representações de professores: critérios para a pesquisa qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, v. 33, n. 33, p. 67-79, dec. 2016.

DOWNEY, H. K.; IRELAND, R. D. Quantitative versus qualitative: the case of environmental assessment in organizational studies. *Administrative Science Quarterly*, Ithaca, v. 24, n. 4, p. 630-637, dez.1979.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *Cies e-working paper*. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Lisboa, n. 60, 2009. Disponível em:
http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES_WP60_Duarte_003.pdf. Acesso em: 15 dez. 2016.

FÍGARO, R. O campo da comunicação e a atividade linguageira no mundo do trabalho. *Revista Latinoamericana de Comunicació*, Ecuador: CIESPAL, n. 126, out. 2014.

FÍGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. *As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas*. São Paulo: Salta/Atlas, 2013. 326 p.

FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Penso, 2009a, 196 p.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2009b, 408 p.

FLICK, U. *Introdução à metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013, 256 p.

FIELDING, N.; SCHREIER, M. Introduction: on the compatibility between qualitative and quantitative research methods. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, v. 2, n. 1, p. 1-21, fev. 2001.

GOLAFSHANI, N. Understanding reliability and validity in qualitative research. *The Qualitative Report*, Flórida, v. 8, n. 4, p. 597-607, dez. 2003.

GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (orgs.). *O clássico e o novo: Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2003, 445 p.

GRAY, D. E. *Pesquisa no mundo real*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012, 488 p.

GUION, L. A. *Triangulation: establishing the validity of qualitative studies*. Institute of Food and Agricultural Sciences. Gainesville: University of Florida, 2002.

GÜNTER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, mai./ago. 2006.

HAIR, J. F. Jr. et al. *Análise multivariada de dados*. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009, 688 p.

JANESICK, V. J. The dance of qualitative research design. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.). *Handbook of qualitative research*. Londres: Sage, 1994, p. 209-219.

MARTINS, H. H. Metodologia quantitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 22, p. 289-300, mai./ago. 2004.

MAXWELL, J. A. *Qualitative research design: an interactive approach*. Applied social research methods series, v. 41. Thousand Oaks: Sage Publications, 1996, 153 p.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, 2016. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=9oYl0>. Acesso em: 28 out. 2016.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GÓMEZ, C. Dífceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDENBERG, P. et al. (orgs.). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 117-142.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v.1, n. 3, p. 1-5, ago./dez. 1996.

PATTON, M. Q. *Qualitative research and evaluation methods*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2002, 598 p.

RONCAGLIO, S. M. A Relação professor-aluno na educação superior: a influência da gestão educacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 100-111. 2004.

SHENTON, A. K. Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. *Education for Information*, v. 22, n. 2, p. 63-75, jul. 2004.

SOUZA, D.V.; ZIONI, F. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 76-85, jul./dez. 2003.

STAKE, R. E. Qualitative case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *The Sage Handbook of qualitative research*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005, p. 443-466.

STAKE, R. E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011, 263 p.

VERGARA, S. C. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2006, 288 p.

VIEIRA, C. C. A credibilidade da investigação científica de natureza qualitativa: questões relativas à sua fidelidade e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra, v. 33, n. 2, p. 89-116, jul. 1999.

ZAPPELLINI, M. B.; FEUERSCHÜTTE, S. G. O uso da triangulação na pesquisa científica brasileira em administração. *Administração: Ensino e Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 241-273, abr./jun. 2015.